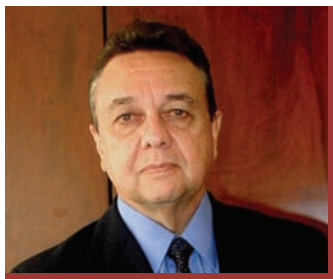


## Diário de bordo

## Feliz 2011!



Roberto Rodrigues\*

**B**OA PARTE dos analistas agrícolas prevê um 2010 com dificuldades para os produtores rurais brasileiros, e esta expectativa se baseia em cinco questões: a primeira é a forte valorização do real ante o dólar, o que já vem inibindo a competitividade de vários de nossos melhores produtos, como a carne; o segundo é a possibilidade de queda dos preços de *commodities* em função de recordes de produção mundial, como é o caso da soja; o terceiro é a especulação, que já vem afetando dramaticamente alguns produtos, especialmente o café.

Um quarto tema é ligado a um efeito da crise financeira de 2008, a redução do consumo de produtos, como o suco de laranja.

Mas há um quinto elemento sobre o qual não há manifestação, mas que no Brasil tem muita importância: 2010 será um ano eleitoral.

Ora, como pode a eleição afetar a atividade rural?

Simples: a maioria esmagadora dos eleitores brasileiros é urbana. Portanto, há uma tendência natural de que as plataformas sejam voltadas ao interesse dessa maioria. Isso implica, por exemplo, alimentos baratos. E isso significa que não se deve esperar muito em favor da renda dos produtores rurais. A única possibilidade oposta seria a escassez de produtos, o que não ocorrerá. E, com o câmbio pre-

judicando severamente as exportações, o mercado interno torna-se prioridade e a oferta cresce mais que a demanda. Sem proteção como o seguro ou preços mínimos, o produtor estará entregue à própria sorte, ou ao próprio azar.

Ademais, temas verdadeiramente importantes, mas também simpáticos à opinião pública em geral, como a segurança alimentar e a defesa do meio ambiente podem ser usados contra os interesses legítimos dos agricultores, como bandeiras eleitorais em discursos fáceis e nem sempre consistentes.

E tudo isso embrulhado no perfil eminentemente urbano dos candidatos postos até agora.

Portanto, o ano eleitoral poderá ser um adicional de periculosidade para o câmbio, para o excesso de oferta, para o rescaldo da crise financeira e para a especulação gananciosa dos mercados. Poderá ser!

Mas também poderá não ser, e isto depende fundamentalmente da capacidade dos produtores rurais, por meio de seus principais órgãos de representação, de se organizar para levar aos candidatos e à sociedade um sólido programa de governo que considere exatamente os temas apontados. Só uma agropecuária forte será capaz de garantir a segurança alimentar do povo brasileiro, com excedentes exportáveis que mitiguem a fome no resto do mundo, e de maneira sustentável, protegendo nossos recursos naturais.

Temos todos os elementos para produzir um programa dessa natureza. Porém, o mais importante não é fazê-lo, é convencer a sociedade de seu valor e da sua importância. Só assim os candidatos o abraçarão.

Está na hora de cuidar disso porque, caso contrário, 2010 será tão difícil que só nos restará desejar um feliz 2011. ■

\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

## Produzir

## Início do ano exige cautela



Cesário Ramalho da Silva\*

**O** PREJUÍZO à competitividade do agronegócio em razão do câmbio apreciado mais a superprodução mundial de algumas culturas, com destaque para a soja, e as naturais indefinições políticas dos mercados em ano de eleições vão exigir cautela do produtor rural em 2010.

O real excessivamente valorizado ante o dólar encarece o produto brasileiro no exterior, dilapidando a renda do produtor rural. Em estudo divulgado no final do ano passado, a Sociedade Rural Brasileira mostrou que o real tinha obtido uma valorização superior a 30% em 2009. O euro, por sua vez, tinha registrado uma valorização próxima a 8% em relação à moeda norte-americana. A análise revelou também que o exportador brasileiro de soja, por exemplo, teve uma queda de rentabilidade de 24%.

O fato é que o câmbio torna-se muito importante para o desempenho das exportações e da economia brasileira porque, nas questões estruturais, as coisas estão péssimas, especialmente, na infraestrutura logística. Isso sem contar outros entraves, como a carga tributária asfixiante, que infla o chamado Custo Brasil. Com tudo isso, a conta simplesmente não fecha para o produtor.

Na parte da produção, caso se concretize a estimativa de uma supersafra mundial de soja (Brasil, Argentina e Estados Unidos), as cotações da oleaginosa se de-